

RELAÇÕES EXTERIORES

Milei critica Brasil e Mercosul...

Presidente argentino diz que bloco só conseguiu enriquecer os grandes industriais brasileiros e reitera ameaça de retirar o país do grupo

» FERNANDA STRICKLAND

O presidente da Argentina, Javier Milei, voltou a ameaçar retirar o país do Mercosul, ao afirmar, neste sábado, que o bloco econômico beneficiou apenas os industriais brasileiros e prejudicou a economia argentina.

Durante a abertura do Congresso argentino em 2025, Milei sugeriu que o país poderia abandonar o Mercosul para fechar um acordo comercial direto com os Estados Unidos.

“A única coisa que o Mercosul conseguiu, desde sua criação, foi enriquecer os grandes industriais brasileiros às custas do empobrecimento dos argentinos”, disparou. “Para aproveitar a oportunidade de um acordo comercial com os EUA, precisamos estar dispostos a flexibilizar ou, até mesmo, sair do Mercosul”, acrescentou o presidente.

A declaração marca mais um episódio de tensão dentro do bloco econômico, que reúne Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Em janeiro, Milei já havia declarado que a saída do Mercosul era uma possibilidade, caso isso facilitasse um tratado de livre-comércio com Washington.

A Argentina é um dos pilares do Mercosul e seu eventual rompimento com o bloco pode provocar grandes impactos econômicos.

O cientista político Maurício Santoro, especialista em relações internacionais, destaca que a parceria entre Brasil e Argentina é essencial para o comércio da região.

“O comércio bilateral entre os dois países foi de US\$ 27 bilhões em 2024. O Brasil é o maior mercado para as exportações argentinas, e a Argentina, o terceiro maior destino das exportações brasileiras. Sem o Mercosul, esse comércio passaria a enfrentar tarifas e barreiras, encarecendo os produtos e pressionando ainda mais a inflação, que já é um problema grave em ambos os países”, explica Santoro.

Além disso, o Mercosul não se limita a um acordo de livre-comércio: trata-se de uma união aduaneira, com regras comuns para importação de produtos de fora do bloco e negociações comerciais conjuntas, como as que ocorrem com a União Europeia. A saída da Argentina poderia reduzir o peso do Mercosul nas negociações globais e enfraquecer sua capacidade de atrair investimentos estrangeiros.

Alinhamento

Milei reforçou sua intenção de estreitar laços com os Estados Unidos, principalmente com o governo de Donald Trump, e mencionou que Elon Musk, dono da Tesla, da SpaceX e integrante do governo do republicano, tem adotado medidas inspiradas em sua política de desregulamentação.

Segundo Milei, Musk está liderando o Departamento de Eficiência Governamental (DOGE) nos EUA com uma abordagem similar à “motosserra”, símbolo de sua estratégia para reduzir o tamanho do Estado argentino. “Os olhos do mundo estão voltados para a Argentina. Em alguns casos, estão até aplicando o que fizemos, como Elon Musk nos EUA. Desta vez, estamos na vanguarda do mundo”, declarou o presidente argentino.

O Mercosul, criado em 1991, tem enfrentado desafios internos e externos, incluindo a resistência de países europeus, como a França, à ratificação do acordo de livre-comércio com a União Europeia. A possível saída da Argentina adicionaria mais instabilidade ao bloco, que já encara dificuldades para modernizar suas regras comerciais.

Para Santoro, embora o Mercosul ainda desempenhe um papel estratégico, algumas de suas políticas podem ser vistas como ultrapassadas. “O bloco nasceu em um contexto de forte protecionismo no Brasil e na Argentina. Hoje, há críticas sobre sua

Luis Robayo/AFP



Em discurso anual ao Congresso, Milei tentou projetar uma imagem otimista de sua reforma econômica

Histórico de inadimplência

O FMI, encorajado pelos progressos de Milei, mas cauteloso quanto à sustentabilidade de sua austeridade, tem ponderado se deve emprestar mais dinheiro à Argentina, seu maior devedor, com um histórico de inadimplência e ainda com uma dívida superior a US\$ 40 bilhões pelo seu programa mais recente, que terminou em dezembro.

rigidez e falta de novos acordos comerciais”, avalia o especialista.

A saída da Argentina poderia obrigar o Mercosul a se reformular, buscando acordos mais flexíveis e uma maior abertura comercial.

No entanto, caso a Argentina deixe o bloco sem um acordo bilateral com o Brasil, as consequências podem incluir maior inflação e dificuldades para exportadores e investidores.



A única coisa que o Mercosul conseguiu, desde sua criação, foi enriquecer os grandes industriais brasileiros às custas do empobrecimento dos argentinos. Para aproveitar a oportunidade de um acordo comercial com os EUA, precisamos estar dispostos a flexibilizar ou até mesmo sair do Mercosul”

Javier Milei, presidente da Argentina

Em seu discurso no Congresso, Milei também anunciou que a Argentina está perto de fechar um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que incluiria um empréstimo para eliminar os controles cambiais ainda este ano. Ele garantiu que o pagamento da dívida será feito por meio de um ajuste fiscal ainda mais rigoroso, com cortes nos gastos públicos.

Apesar de o presidente afirmar que seu programa econômico é “o mais bem-sucedido da história”, sua política de austeridade já resultou no aumento da pobreza e do desemprego no país. A inflação caiu rapidamente, mas às custas de uma contração severa da economia e um impacto social significativo.

... E presidente alemão defende acordo com o bloco

O presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier, destacou, ontem, a importância do vínculo entre a Europa e a América do Sul “em tempos de agitação mundial” e considerou urgente a conclusão do acordo de livre-comércio entre o Mercosul e a União Europeia (UE).

Steinmeier se reuniu em Montevideo com seu colega do Uruguai, Yamandú Orsi, que reagiu a declarações sobre o Mercosul feitas, no sábado, pelo presidente argentino, Javier Milei.

“Em um mundo onde a ordem internacional e o sistema das Nações Unidas são cada vez

mais questionados, nossa cooperação entre a Europa e a América do Sul, entre a Alemanha e o Uruguai, é de particular importância”, disse o presidente alemão. “Em tempos de agitação mundial, é crucial se cercar de parceiros que compartilhem os mesmos valores e interesses.”

Steinmeier descreveu o acordo de livre-comércio entre o Mercosul e a UE, negociado desde 1999, como “um marco econômico e geopolítico”. “A Alemanha trabalha ativamente para garantir que ele entre em vigor o quanto antes, também com os Estados-membros da UE que ainda têm

dúvidas. Precisamos com urgência desse acordo.”

Orsi, que tomou posse no sábado, expressou seu compromisso de promover “uma pronta ratificação”. “Para o Uruguai, é uma das prioridades da política externa. Representa um marco nas relações internacionais, não apenas pelas oportunidades de comércio e investimento, mas também pelo contexto geopolítico em que vivemos e pela comunidade de valores e princípios que unem a Europa e os países do Mercosul”, ressaltou.

Questionado sobre a intenção de Milei de negociar um acordo

com os Estados Unidos e sua disposição de “flexibilizar ou sair do Mercosul” para conseguir-lo, o uruguaio mencionou o potencial do grupo e lembrou que seu antecessor, Luis Lacalle Pou, propôs algo semelhante ao buscar um acordo de livre-comércio com a China.

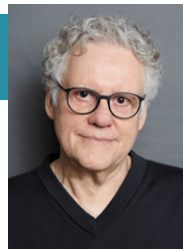
O que Milei diz “é um novo capítulo da discussão sobre o quanto o Mercosul nos restringe ou limita, ou o contrário, o quanto ele pode nos fortalecer”. “Sou partidário de seguir por esse último caminho”, enfatizou.

Os países do Mercosul devem negociar juntos os acordos com outras nações ou blocos.

Eitan Abramovich/AFP



Steinmeier com Orsi: acordo é “um marco econômico e geopolítico”



SÉRGIO ABRANCHES

O CONGRESSO APROVOU A PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA DE TRUMP PARA ENRIQUECER AINDA MAIS OS SUPER-RICOS COM US\$ 4.5 TRILHÕES DE CORTES NOS IMPOSTOS

Trump, o contratador de crises

Governos hiperativos que adotam políticas de escândalo e atitudes fora do padrão da política mediana do país tendem a perder força e apoio, em geral no segundo ano de mandato. Foi o que aconteceu com Bolsonaro e com o próprio Donald Trump, que não conseguiram se reeleger. Trump voltou aos hiperativos e muito distante do padrão político do país. Cresce o número de vozes respeitáveis da opinião especializada dizendo que ele ataca os fundamentos constitucionais da democracia americana.

A capa da última edição da The New Yorker traz os founding fathers, os fundadores da Constituição americana, desfilingando cada um carregando sua caixa de pertences, cena muito comum nos filmes de

Hollywood e nas séries das plataformas que indica a demissão.

Algumas de suas medidas já começam a sofrer críticas de parlamentares republicanos, especialmente aquelas que afetam diretamente os estados e municípios, como cortes nos programas federais de educação, de saúde e nos subsídios à agricultura. Mas até agora são vozes poucas e cautelosas. Ele ainda tem apoio para sair do normal. Ele perde a maioria se essas vozes virarem votos contra parlamentares que continuarem a apoiar projetos dessa natureza.

O Congresso aprovou a proposta orçamentária de Trump para enriquecer ainda mais os super-ricos com US\$ 4,5 trilhões de cortes nos impostos. Essa redução tarifária requer cortes de US\$ 2,5 trilhões

nos programas federais. Para chegar a esse volume terão que alcançar as áreas de maior gasto, que são a seguridade social, o Medicare e o Medicaid, gastos impositivos. Nos discricionários, defesa, educação, transportes e pesquisa científica. A maior fatia vai para os militares. Vai concentrar mais a renda.

Essa política de cortes, arbitrária e sem critério, está sendo comandada de fora por Elon Musk, que se mantém na atividade privada e suas empresas se beneficiam de muitas das decisões do presidente. Os impostos sobre veículos elétricos chineses beneficiam a Tesla, que é a maior no mercado de carros elétricos. O programa espacial turbinado beneficia diretamente a SpaceX, que fornecerá os foguetes. Trump

tem imunidade, Musk, não, e está agindo na franja da lei.

Musk tem dado ordens a funcionários do governo, sem ter autoridade formal, apoiado em Trump. A ordem de que funcionários de órgãos sensíveis, como o FBI, o Departamento de Estado e o Pentágono, revelassem o que fizeram na semana anterior, sob pena de demissão, não foi aceita pela direção e pelos quadros dessas agências. A direção das agências instruiu os funcionários a não obedecerem. Além disso, disse que o acesso de Musk às informações ameaçaria a segurança nacional.

Duas dezenas de funcionários do próprio DOGE, a agência “informal” que Musk dirige sem mandato legal, deixaram o emprego por discordarem das ordens sem cobertura legal. É total sua ignorância sobre como funcionam as áreas fundamentais do aparato gover-

namental americano. Trump tem obtido algumas concessões com suas ameaças e já elevou algumas tarifas. No caso da China e da Europa, haverá retaliações. O resultado será um aumento de preços de importados, com impacto inflacionário, e de exportações, reduzindo o volume e a receita dos exportadores americanos.

O efeito-preço já começou. Decisões que desprezam efeitos diretos e indiretos e no tempo tendem a gerar insatisfação e crise. É o que Trump está contratando. Vários dos programas que sofrerão cortes beneficiam estados e municípios, republicanos e democratas. A insatisfação e a oposição de governadores e prefeitos chegarão a Washington e serão um alerta aos parlamentares republicanos.

Na Casa Branca, o impacto será a perda de popularidade. Dependendo da velocidade com que

serão aplicados os cortes, pode afetar as eleições de meio de mandato, que renovam toda a Câmara e 34% do Senado, em novembro de 2026. Trump arrisca perder a maioria e ter um governo dividido que pode encorajá-lo a tomar mais medidas fora de sua competência legal e sem respaldo legislativo. Provocará a judicialização de suas decisões.

Várias ações fora do escopo legal do mandato presidencial começam a ser contestadas em cortes federais de muitos estados e já houve sentenças declarando sua ilegalidade. Muitas delas ferem preceitos constitucionais e podem chegar à Suprema Corte. A judicialização das decisões de Trump pode gerar uma crise entre Poderes. Ele e seu fiel escudeiro, o vice J. D. Vance, já disseram que sentenças judiciais não podem contrariar decisões presidenciais.